

Briga para garantir lugar na história

Em todo o País, há grupos e instituições disputando para poder entrar no registro de Patrimônio Cultural Imaterial

SÃO PAULO—A linguagem dos sinos das cidades históricas de Minas, o bumba-meu-boi maranhense e o circo de tradição familiar travam uma “disputa” para ganhar o status concedido a um seletivo grupo do qual fazem parte o queijo-de-minas, a capoeira e o samba-de-roda baiano.

A “lista de espera” para entrar nos livros de registro de bens imateriais do Iphan (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), órgão do Ministério da Cultura, tem atualmente 13 candidatas. Até hoje, só 15 bens receberam o status.

O registro é um instrumento do governo federal para identificar, reconhecer e preservar determinada manifestação cultural e, assim, pautar políticas públicas.

Entre os já registrados estão ainda o Cirio de Nossa Senhora de Nazaré, o acarajé e o frevo.

Para virar bem imaterial, o “candidato” passa pelo crivo de especialistas. “Não vamos colocar a comunidade numa redoma, mas podemos garantir que formas de transmissão de conhecimento continuem”, diz Ana Guita de Oliveira, gerente do Departamento de Patrimônio Imaterial do Iphan, criado há cinco anos.

“A julgar pelos bens (materiais) tombados, alguém de fora imaginaria que o Brasil é só branco, católico, de elite. Os registros (imateriais) ajudam a superar a falsa consciência.

“Apesar de recente, o registro de bens imateriais já ‘salvou’ atividades, como o ofício das paneleiras de Goiabeiras, em Vitória



Paneleira de Vitória: bem cultural já consagrado pelo Instituto do Patrimônio Histórico

(ES), de mais de 400 anos. “A panela ficou mais valorizada”, diz Marinete Correa, 54. O ofício foi o primeiro bem imaterial registrado, em 2002.

Outro caso, diz Oliveira, foi na Amazônia, onde o reconhecimento da cachoeira de Iauaretê (AM), por ser considerado lugar sagrado, garantiu aos índios a repatriação de 108 ornamentos guardados em museu.

Segundo o professor de História da Unicamp Pedro Paulo Funnari – um dos autores do livro “O que é Patrimônio Cultural Imaterial” –, essas manifestações resistiram em países periféricos; já os países ricos valorizam as “grandes obras da civilização”.